
MESA 8 O MATRIARCADO DE PINDORAMA – A IMPOSSIBILIDADE DO SILÊNCIO

Participantes: Liliana Sousa e Silva (moderadora),
Nádia Battella Gotlib, Suzana Pasternak,
Regina Pekelmann Markus, Tania Rivera, Denise Stoklos

13 DE SETEMBRO DE 2019
IEA-USP

ESTA MESA ecoou vozes femininas de diferentes áreas de atuação, atestando a rica participação de mulheres na arte e na cultura brasileiras. Nádia Gotlib trouxe Clarice Lispector, a partir da novela *Água Viva* e da crônica “Mineirinho”, em que a narradora questiona por que lhe dói a “morte de um facinora”. Suzana Pasternak abordou o trabalho de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre, catadora de papel, cuja obra testemunha sua experiência na grande São Paulo da década de 1950. Regina Markus evidenciou a importância da mulher no campo da ciência, elencando nomes que contribuem para seu avanço. Tânia Rivera discutiu a potência poética e subversiva dos trabalhos de mulheres aprisionadas em hospitais psiquiátricos, como Stela do Patrocínio, Aurora Cursino dos Santos e Natália Leite, cujos trabalhos, hoje, são reconhecidos pelo campo da arte. Denise Stoklos fechou o Encontro com a leitura performática de textos de Anna Maria Maiolino, para quem “o ponto é a ponte entre a palavra e o silêncio”.

DESVIOS DE FALA, DENÚNCIA E BORDADOS. STELA DO PATROCÍNIO, AURORA CURSINO DOS SANTOS E NATÁLIA LEITE (OU COMO AS “INSANAS” NUNCA SE CALARAM)

TANIA RIVERA

Gostei muito da proposta de pensar o lugar da mulher no Brasil pela via de uma impossibilidade do silêncio. Imediatamente, pensei na figura que me parece encarnar essa impossibilidade como nenhuma outra: Stela do Patrocínio. Empregada doméstica, negra, tinha 21 anos quando foi internada em um hospital psiquiátrico, Hospital Pedro II. Depois de alguns anos, em 1966, ela vai para a Colônia Juliano Moreira. Certamente ela cruzou muitas vezes, no pátio, com Artur Bispo do Rosário. Morreu em 1992, aos 51 anos.

Stela tentou suicídio duas vezes, e tentou fugir da colônia quatro vezes. Teve diagnóstico de esquizofrenia em subtipos variados, mas a sua situação socioeconômica e a condição de mulher preta determinaram muito mais o seu longo período de internação do que qualquer diagnóstico psiquiátrico. Nessa situação de vulnerabilidade social extrema e sofrimento psíquico gravíssimo, Stela é encontrada por alguns artistas, na década de 1980, como Nelly Gutmacher e Carla Guagliardi, que faziam atividades diversas com as pacientes. E encontraram a fala de Stela do Patrocínio, que Stela chamava *Falatório*. Em 1988, por ocasião da exposição intitulada *Ar Subterrâneo*, organizada por esse grupo, algumas frases de Stela foram plotadas nas paredes. Depois, em 2001, elas geraram, com a organização de Viviane Mosé, o livro *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*.

Em 2017, Carla Guagliardi, que manteve os áudios de Stela, utilizou-os em um diálogo poético, uma intervenção que ela realizou para a exposição *Lugares do Delírio*, de que fui a curadora, a convite do Paulo Herkenhoff. Em 2018, *Lugares do Delírio* veio a São Paulo e a voz de Stela do Patrocínio, de alguma maneira, estava habitando os espaços museológicos do Sesc Pompeia. Gostaria que a gente ouvisse a voz de Stela por alguns segundos:

Voz de Stela do Patrocínio – “Em excesso, em acesso, falei muito, falei demais, falei tudo que tinha que falar, declarei, supliquei e esclareci tudo. Eis que quando o Sol penetra no dia, dá aquele Sol muito bonito, muito belo. Depois entre a vida e a morte, depois dos mortos, depois dos bichos, dos animais, se fica à vontade como bicho e como animal. Eu não tenho mais nada para falar.

Um espaço vazio do tempo de chegar, como há no espaço vazio tempo e gases, a família toda está lá em cima, cá embaixo, lá dentro, cá fora, lá nos fundos, e cá na frente, mais de 500 milhões, 500 mil moradores morando no Teixeira Brandão, Jacarepaguá, Núcleo Teixeira Brandão, Jacarepaguá.

Família de cientistas, de aviadores, tem criança precoce, prodígio, poderes, milagres, fé. Fui lá no portão e disse: ‘Quero pastar à vontade que nem um camelo.’”

Achei interessante cortar o áudio justamente quando ela diz que quer pastar igual a um camelo. Tem um humor nessa fala, mas tem, sobretudo, uma operação de linguagem que gostaria de acentuar, e em que alguns psiquiatras viram pensamentos desconexos, poderia falar-se também logorreia etc.

Há nessa fala uma ação micropolítica, uma estratégia sofisticada que consiste em desatar a linguagem, já que é impossível desatar as correntes que prendem Stela no hospício e as que a prendem, fora do hospício, em uma situação socioeconômica desfavorável. Incapacitada de se libertar dessas correntes, é a própria linguagem que Stela toma como material para uma ação micropolítica de libertação. E consegue então a façanha de eternizar a sua voz. Jamais escrito, seu *Falatório* era uma questão oral, e talvez possa ligá-la a uma tradição do repente no Brasil, ou, mais recentemente, do RAP *freestyle*, ou de experimentações da linguagem como os poemas fonemáticos dos dadaístas da década de 1910, na Primeira Guerra Mundial. Nessa estratégia de subversão, ela passa a habitar em um espaço maior, rompe os muros da Colônia Juliano Moreira,

está aqui hoje, e ganha o mundo, em alguma medida. Trata-se de uma força poética e política, ao mesmo tempo.

Existem outras mulheres que receberam o rótulo, a etiqueta psiquiátrica que as colocavam fora do mundo, mas conseguiram agenciar estratégias de subversão ou estratagemas. Gosto da palavra *estratagema* para pensar isso, porque ela implica algo ardiloso, que consegue enganar o outro, talvez disfarçando-se de sintoma psiquiátrico para fazer poesia ou micropolítica.

É o caso de Aurora Cursino dos Santos, uma prostituta aqui de São Paulo, que nasceu em 1896, e foi internada aos 48 anos, em 1944, no Hospital do Juquery, em Franco da Rocha (SP). Ela morreu na mesma instituição em 1959, com 63 anos. Ao entrar na instituição, recebeu o diagnóstico de “personalidade psicopática amoral”, pois na época a eugenia que dominava o discurso psiquiátrico era fortemente marcada pela noção de degeneração, de tal forma era fácil patologizar os comportamentos desviantes. Aurora depois recebeu o diagnóstico de esquizofrenia parafrênica. Essas etiquetas são interessantes, porque, de fato, podem mudar ao longo do tempo.

A partir do final da década de 1980 no Brasil, conseguiu-se mudar a concepção de hospício, da instituição enclausuradora no qual as pessoas deveriam passar boa parte ou o resto de suas vidas. Não se tratava de tratamento, mas de verdadeiros depósitos humanos, inclusive dos que perturbavam a ordem pública com comportamento desviante. Hoje, lamentavelmente, as mudanças trazidas pelo movimento antimanicomial estão em risco, inclusive as leis que garantiram isso no Brasil estão sendo revistas. Parece-me, portanto, um assunto muito atual, e mesmo urgente, pensar na loucura e na sua potência de produção de mundos, de formas, de modelos delirantes de vida, não só poéticos, comparilháveis conosco, que estamos fora de instituições psiquiátricas, mas também e fundamentalmente políticos, na medida em que apresentam possibilidades de modelização de estratégias políticas, de estratagemas, como dizíamos há pouco.



FIGURA 5 – Aurora Cursino dos Santos: Sem Título, s. d. Exposição *Lugares do Delírio* (Sesc Pompeia, 2018). Acervo: Museu de Arte Osório César. Cortesia: Complexo Hospitalar do Juquery e Prefeitura Municipal de Franco da Rocha.

FOTO: EVERTON BALLARDIN.

Aurora tinha escolaridade bastante baixa, mas, ao que parece, obteve certa formação cultural, pela via de clientes que eram pessoas muito cultas. Seus dados biográficos são bem vagos. Ela fez muito sucesso a partir de 1950, participou de várias exposições de pacientes que faziam parte da seção de arte, do ateliê de pintura organizado pelo psiquiatra e crítico de arte Osório César, que trabalhava no Juquery, em colaboração com o psiquiatra Mário Yan. Ela era uma das estrelas dessa seção de arte, com pinturas de traços expressionistas.

Gostaria de colocar em relevo principalmente a escrita, as inscrições que aparecem em boa parte das suas pinturas, e que, na época, não foram selecionadas para essas exposições.

As letras garrafais aqui parecem gritar, trazem uma urgência de denúncia, fabulações que são talvez fragmentos delirantes, de uma história que, independentemente de ter sido ou não vivida



FIGURA 6 – Natalia Leite: Sem Título, s. d. Exposição *Lugares do Delírio* (Sesc Pompeia, 2018).
 FONTE: ACERVO DA OFICINA DE CRIATIVIDADE DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO, DIVULGAÇÃO.

factualmente ou em delírio por Aurora, poderia ser a história de muitas mulheres, das prostitutas. É uma forma multifacetada de fazer a denúncia das questões e da violência de gênero no Brasil, rica e pungente, com acusações muito graves à Igreja, e, claro, também aos políticos.

Isso se deu nas décadas de 1940, 1950, e ela não deixa de fazer menção, de alguma maneira, à situação socioeconômica. Trata-se de verdadeiros panfletos, libelos por uma igualdade de gênero e pelos direitos humanos em geral. Denúncias pungentes que, ao mesmo tempo, convocam uma dimensão íntima e alcançam certa universalidade.

Como terceira mulher, que também passa a maior parte da sua vida em um hospital psiquiátrico, minha conclusão volta-se para Natalia Leite, que tem hoje 76 anos e é interna no Hospital São Pedro, em Porto Alegre, desde os 14, 15 anos. Após receber alta, logo

depois da internação, a própria Natalia voltou, um tempo depois, solicitando ficar no hospital. Imagine-se qual seria a situação extrema de sofrimento e vulnerabilidade no ambiente familiar, para fazer tal pedido. Desde então, praticamente não fala e participa, desde a década de 1980, da oficina de arte realizada nessa instituição por Bárbara Neubarth, que contou com a colaboração de outra mulher importante, Tânia Galli da Fonseca, que, infelizmente, faleceu ontem, e cuja memória quero homenagear aqui.

Natalia faz, sobretudo, bordados. Na exposição *Lugares do Delírio*, no Sesc Pompeia, em São Paulo, pendurei praticamente todos os trabalhos, e gosto de mostrar essas imagens porque acho interessante como, nesta fotografia (Figura 6), eles se misturavam ao mundo e às pessoas que estavam por perto.

Trata-se, nesses bordados da Figura 6, de um entrelaçamento de elementos diversos entre o contorno das figuras humanas, os animais e a arquitetura do ambiente campestre de onde Natália é oriunda. É uma operação formal, topológica, que põe nossas intuições geométricas no dia a dia a delirar, inverte e põe em crise essa geometria, digamos, leiga, do dia a dia. É um delineamento com a linha do bordado que parece reconstruir o mundo, reconstituindo seus elementos a partir de e com o sujeito. Não se trata, porém, de localizar na obra um lugar que seria aquele de Natalia – o da



Figura 7 – Natalia Leite: Sem Título, s. d. Exposição *Lugares do Delírio* (Sesc Pompeia, 2018). FONTE: ACERVO DA OFICINA DE CRIATIVIDADE DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO, DIVULGAÇÃO.

fazenda na qual teria passado sua infância e adolescência e se declinaria nos muitos bordados que ela fez ao longo de toda vida, por exemplo. Mais fundamentalmente, essa artista está na linha que borda e reconstrói o mundo, a gente, os animais e a arquitetura, e talvez realize uma espécie de arquitetura do sujeito, graças ao estratagema poético desse bordado (Figura 7). Há nesse bordado uma subversão radical e que se explicita especialmente na obra que vemos na Figura 7, e que é única entre os trabalhos de Natalia. Trata-se de bordado realizado sobre uma faixa de contenção – a faixa de tecido tradicionalmente usada nos hospitais psiquiátricos para conter pacientes agressivos ou em situação de risco, atando-os ao leito, por exemplo.

Com esse bordado da Figura 7, exuberante de curvas, talvez flores, pétalas de flores unidas pelo movimento de ziguezague da linha entre elas, é como se Natalia revirasse esse instrumento de opressão e violência em outra coisa: em instrumento de poesia.

LEITURA DE TEXTOS DE ANNA MARIA MAIOLINO

DENISE STOKLOS

Vou ler textos de Anna Maria Maiolino.

COMO UM RIO CORRE A LINHA

“Como um rio corre a linha, atrás do carretel que rola sobre as lajotas do piso, tabuleiro de xadrez, frio o piso de terracota. Um, mais dois, três pontos, e a linha, –do ponto e da linha falou-nos Kandinsky lindamente. Basta recordar-lhe os pensamentos, enquanto a mão indecisa apoia a pena no caderno. O ponto é a ponte entre a palavra e o silêncio. Lá está ele afirmando sua nudez na aparência solitária de morto vivo, que suplica movimento, sem sentir a mão, obedece-lhe, multiplicando. Se ele vive, nasce a linha que humaniza, faz-se o desenho, o som, a escrita, ele

brilha na imensidão do firmamento, é o Sol que nos ilumina, e lá se foi o fio atravessando a porta, chegando até a cozinha, livre e preso ao carretel de linha.”

15 de julho de 2001.

OS PENSAMENTOS CRIAM ESCARIFICAÇÕES

“Os pensamentos criam escarificações na minha carne, meu trabalho com a arte se estrutura desde meu corpo, nos limites e ausências de limites, aquilo que no nível da consciência é contraditório. Devido à presença dos limites, ao nível do inconsciente já não o é, contradição e fusão fazem parte do discurso consciente em um universo plural e múltiplo. A verdade do corpo não é lógica, não obstante o corpo seja matéria. Físico é meu extinto sexual, oral, anal, genital, tenho pudor, o físico me envergonha, não pode estocar teu corpo, foi-me dito, mas ele fala comigo e suplica para ser tocado. Eu toco-o e sonho bons sonhos que afastam todo o mau pensamento.”

10 de outubro de 2013.

É DE MANHÃ

“É de manhã, é de manhã, já foi de noite, escrevo poesia, palavra, outra palavra, mais palavras, nas páginas quadriculadas um, dois, três, quatro lados, um quadrado. Ontem foi dia feio, choveu e tivemos visitantes, gente triste, caras mal desenhadas pela dor, só tinha olhos chorando o tempo todo, lágrimas escarlates, sangue, finalmente se foram. Ficaram as manchas no assoalho e cheiro de morte na sala, de nada adiantou lavar o chão e abrir as janelas, a dor permaneceu, todavia pela casa se ouve, ‘los desaparecidos! Los desaparecidos!’

Eles, os herdeiros de Cortez, el conquistador, enterraram milhares em covas rasas, em cruz, sem nada, semeando com os filhos da terra, terra latino-americana, não dormimos à noite passada, fiquei a escrever aqui com o meu amado a trabalhar no outro lado da casa. Molho a pena na tinta China Pelikan, marca registrada